

Um corpo que fala: o protagonismo das Mulheres Negras na Capoeira Angola

Elisângela Gomes

Mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás / UFG (2019). Pós-Graduação / Lato Sensu em Teoria e Prática da Formação do Leitor pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul / UERGS (2015). Possui graduação em Letras pelo Instituto Superior de Educação Elvira Dayrell / ISEED (2018) e Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul / UFRGS (2012). Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa Comunicação e Diferença - Pindoba; Observatório Social / ABECIN e Observatório em Ações Afirmativas - CAAF/UFG.

zanzamaio@gmail.com

Resumo

Com este trabalho tenho por intuito compreender a presença dos corpos negros e femininos nas rodas de capoeira angola e a possibilidade de atuarem como dispositivo comunicativo possibilitando a continuidade dos valores e da cultura africana. Nessa escrita apresento o corpo como um meio de comunicação que ao narrar histórias estabelece uma relação direta com valores africanos, ressignificando as identidades negras dilaceradas pelo racismo. A capoeira como prática africana, deve, portanto, ser vivenciada considerando o protagonismo epistemológico e corpóreo de negros e negras o que implica em rever determinadas ações e posicionamentos de cunho social, também presentes e adotados na prática da capoeira como: racismo, sexismo, LGBTfobia e Transfobia. Como procedimento metodológico proponho a abordagem qualitativa do tipo pesquisa participante, o público estudado será composto por Mulheres Negras autodeclaradas que estão inseridas em grupos ou coletivos de capoeira angola localizados nas cinco regiões do país: Norte, Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste. A técnica de coleta será composta por entrevista associada à pesquisa participante. O *corpus* textual discute questões que perpassam as múltiplas vivências das Mulheres Negras: protagonismo negro feminino, valores civilizatórios africanos, afroperspectiva na cultura e identidade africana e a Teoria do Corpomídia no contexto comunicacional.

Palavras-chave: Narrativas do corpo. Mulheres Negras na capoeira angola. Mídia e Cultura.

A body that speaks: the protagonism of Black Women in Capoeira Angola

Abstract

With this work, I understood the presence of black and female bodies in the capoeira wheels of Angola and the possibility of performing as a communication device enabling the detection of values and African culture. In this writing, I introduce the body as a means of communication that, when narrating stories, establishes a direct relationship with African values, re-signifying as black identities torn by racism. Capoeira as an African practice, therefore, must be experienced, considering the epistemological and corporeal protagonism of black and black people or what it implies in reviewing actions and positions of a social nature, also present and adopted in the practice of capoeira such as: racism, sexism, LGBTphobia and Transphobia. As a proposed methodological procedure for a qualitative approach of the type of research participant, or public studied, will be composed of self-declared Black Women who are inserted in groups or collectives of capoeira, in Angola, in the five regions of the country: North, South, Southeast, Center. -West and Northeast. The collection technique will consist of an interview associated with the research participant. The corpus discusses the textual issues that permeate the multiple experiences of Black Women: black protagonism, African civilized values, cultural perspective and African identity and Corpomedia Theory in the communicational context.

Keywords: Narratives of the body. Black women Capoeira Angola. Media and Culture.



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição- NãoComercial-Compartilhalqual 3.0 Brasil](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br/).

1 Introdução

Nessa escrita apresento o corpo como um meio de comunicação que transmite informações tal qual um texto escrito ou a fala articulada. Refletir sobre o corpo nessa perspectiva é assumir a presença de um corpo negro forjado pelos valores civilizatórios inseridos na cultura africana. “Narrativas do corpo: a presença da Mulher Negra na roda de capoeira Angola” é, portanto, um projeto no qual busco afirmar a ginga como possibilidade de estar no mundo. A narrativa do corpo propõe a comunicação, enquanto produção simbólica e impacta a geração de sentido e da identidade negra.

Narrar, contar uma história através do corpo é estabelecer uma relação direta com valores africanos, ressignificando as identidades negras dilaceradas pelo racismo. Para Hall (2005), a formação da identidade para pessoas que atravessaram fronteiras no processo diaspórico retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições e carregam os traços das culturas, das linguagens e das histórias pelas quais foram marcadas.

A cultura é uma das possibilidades de garantia da humanidade, identidade e memória, sobretudo da população negra, que passou pelo processo diaspórico. Portanto, cultivar e multiplicar a cultura nas suas inúmeras manifestações é um ato de resistência em um contexto social e histórico de sistemáticas tentativas de apagamento das origens africanas.

A capoeira, hoje reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco), foi criminalizada no Brasil até 1930, sendo considerada uma prática incivilizada e perigosa para a ordem e os costumes das elites (ALBUQUERQUE, 2009).

Na impossibilidade de destruição, os símbolos da cultura negra estão sendo esvaziados de sentido, tendo elementos próprios descaracterizados. Uma das estratégias utilizadas tem sido a apropriação da capoeira como instrumento de evangelização. Ao invés de corridos e ladainhas que trazem referências da cultura africana, os cantos fazem louvor a Jesus Cristo e a tradicional roda de capoeira é alternada com momentos de pregação.

A apropriação cultural, entretanto, não é feita apenas por grupos religiosos. A internacionalização e vivência da capoeira por outros grupos sociais de praticantes não negros contribuem para que haja uma dissociação de sua história de resistência para com o povo africano.

A capoeira como prática africana, deve, portanto, ser vivenciada através de uma afroperspectiva¹, ou seja, considerar o protagonismo epistemológico e corpóreo de negros e negras, “assumindo que o corpo é outro tipo de pensamento, a corporalidade tem uma lógica própria de pensar” como afirma Muniz Sodré em entrevista concedida a Caldas (2001, p. 35).

O pensamento “Sambo: logo existo” pertencente à discussão de afroperspectiva apresentada pelo filósofo Renato Nogueira me encoraja a realizar essa pesquisa, pois compreendo a importância de analisar os fenômenos que vivencio, enquanto uma mulher negra e analisá-los na perspectiva acadêmica, causando um transbordamento das fronteiras epistêmicas. Esse “olhar de dentro” impele sobre mim a condição de sujeito e não mais de objeto. Situação essa a qual a população negra e outros grupos tidos como minorias sociais ficaram subordinados. Quando produzo as minhas escritas, trago comigo a voz e a presença de meus ancestrais e amplio as possibilidades de existência para aquelas que virão depois de mim. Por se tratar de uma escrita que trata de narrativas do corpo, vivenciadas e contadas por uma mulher negra, trago comigo o conceito de Escrivência, da Escritora Conceição Evaristo:

Este termo nasce fundamentado no imaginário histórico que eu quero borrar, rasurar. Esse imaginário traz a figura da “mãe preta” contando histórias para adormecer a prole da Casa Grande. E é uma figura que a literatura brasileira, principalmente no período Romântico, destaca muito. Quero rasurar essa imagem da “mãe preta” contando história. A nossa “escrivência” conta as nossas histórias a partir das nossas perspectivas, é uma escrita que se dá colada à nossa vivência, seja particular ou coletiva, justamente para acordar os da Casa Grande. (LIMA, 2017, documento online).

¹ Filosofia afroperspectivista é uma maneira de abordar as questões que passa por três referências: 1ª) Afrocentricidade; 2ª) Perspectivismo ameríndio; 3ª) Quilombismo. Alguns aspectos da formulação intelectual feita por Molefi Asante articuladas com certas questões suscitadas pela etnologia amazônica de Eduardo Viveiros de Castro com a formulação política do quilombismo de Abdias do Nascimento (NOGUERA, 2015).

Busco a interdisciplinaridade para construir essa narrativa, mas também no campo da comunicação esse movimento da escrita de si, se apresenta como possibilidade. Em entrevista, Muniz Sodré, pesquisador em comunicação, afirma que:

Vivencio diversos terreiros e pude ver o que estava se passando ali dentro. Eu pertencço efetivamente àquele universo. Então eu procuro forjar minhas categorias, pensar a partir de dentro desse universo, cujas pessoas na sua maioria não tiveram educação formal no sentido de produzir esse discurso acadêmico (CALDAS, 2001, p. 28).

A falta de educação formal, pontuada por Muniz Sodré, é uma das estratégias de silenciamento da população negra e agravante para as desigualdades social e racial. Portanto, entendo como um dever reparatório, produzir conhecimento que possa empoderar minha comunidade, apresentando problemáticas teóricas que obtive na academia, que tem o potencial de reduzir os preconceitos reproduzidos por falta de conhecimento. Mas ao mesmo tempo, me fortaleço dos conhecimentos e de valores ancestrais transmitidos pelos meus iguais e os legítimo na academia.

Esse desafio de pesquisar e participar (DEMO, 1995) implica em compreender a complexidade das relações e propor que determinadas ações e posicionamentos de cunho social, também presentes e adotados na prática da capoeira como: racismo, sexismo, LGBTfobia e Transfobia, sejam revistas. Apontando para a necessidade de pensar masculinidades e os corpos autorizados a experimentar a cultura negra através da capoeira, sem menosprezar o conhecimento de mestres e mestras da cultura da capoeira angola.

Nesse contexto, proponho compreender o protagonismo das Mulheres Negras na capoeira angola e a sua presença como possibilidade de manutenção dos valores africanos. Os fundamentos da capoeira angola alicerçados nos valores civilizatórios africanos se manifestam, sobretudo na roda de capoeira.

Essa se concretiza na presença dos corpos unidos de ginga e mandinga que se presentificam em uma ação coletiva no movimento para o jogo, para o toque dos instrumentos de percussão e corda, para o canto e para a própria formação em roda. Em círculo, os corpos em movimento orientam a dinâmica do jogo e respondem o coro para as músicas que estão sendo entoadas.

A estrutura social contemporânea tem impedido a nossa presença em contextos contaminados pelas relações assimétricas de gênero, raça e classe. O imaginário negativo construído sobre o corpo da Mulher Negra passa por diferentes interferências interpretativas no campo das ciências biológicas e sociais, nas relações de trabalho e nas narrativas comunicativas. Entretanto, nas narrativas africanas, outra dinâmica ocorre em espaços onde interagimos com nosso grupo étnico.

Os rituais religiosos, as benzeções, o samba, os cantos precedidos por Mulheres Negras são a manifestação corpórea da cultura e dos valores africanos de valorização do saber. Sendo assim, “somos corpos no sentido social e cultural, algo que experienciamos a partir de situações e valores relativos ao corpo que são culturalmente construídos” (SANTAELLA, 2004, p. 10).

Portanto, a continuidade das nossas epistemologias está na sobrevivência dos nossos corpos, por isso a necessidade de pensar uma comunicação que afirma também o corpo como dispositivo de produção de conhecimento.

2 Referencial Teórico

Apresento temas referentes ao protagonismo negro feminino, valores civilizatórios africanos, afroperspectiva e corpomídia.

2.1 Corpomídia: O corpo como meio de comunicação

Para nós as vivências religiosas, a capoeira angola, o samba entre outras manifestações, fazem parte da epistemologia negra. O corpo enquanto lugar do sagrado e do profano, não está dissociado da mente, pelo contrário, o corpo é a matriz da memória ancestral, portanto lugar de produção e disseminação do conhecimento.

O corpo é central para a criação do mundo, o velho sábio dogon² Ogotemmêli, ao narrar sobre a história da criação revela que “o corpo humano serviu de planta para a organização e o funcionamento da sociedade humana em todos os níveis” (FORD, 1999, p. 255). Por isso, é natural, por exemplo, fazermos um banho de folhas e ervas sagradas para resolvermos problemas cotidianos, buscarmos a capoeira angola para o auto-conhecimento e estratégia de vida.

Ainda nas palavras do sábio, “o corpo humano revela os mistérios da vida e do Cosmo, representa a organização da sociedade, reforça a relação entre vida humana e a terra e lembra à humanidade sua ligação constante com a divindade” (FORD, 1999, p. 258). Sendo assim, a comunicação não se dá apenas no campo das relações interpessoais, ou com a finalidade de expressar uma comunicação, o corpo é o veículo de aquisição da comunicação em todas as manifestações possíveis de vida.

Buscando um diálogo com a teoria da comunicação, lanço mão dos estudos sobre semiótica da cultura de Cleide Campelo que se propõe a pensar sobre as manifestações do corpo na cultura a qual está inserido. Para a autora, o “corpo é uma estrutura complexa que mantém um sistema de troca de informações com outras estruturas dentro do corpo, com a cultura, com o universo-ambiente e com outros corpos” (CAMPELO, 1999, p. 11).

As potencialidades do corpo que me interessam nessa pesquisa estão fundadas na possibilidade de continuidade dos valores civilizatórios africanos nas rodas de capoeira angola. Esses valores podem ser compreendidos como: circularidade, cooperativismo, corporeidade, musicalidade, memória, ancestralidade, energia vital, religiosidade, oralidade e ludicidade, presentes nas manifestações culturais africanas.

Nessa perspectiva me proponho a refletir sobre a Teoria Corpomídia trazida por Helena Katz e Christine Greiner, ambas pesquisadoras em comunicação e semiótica. Em linhas gerais, na Teoria Corpomídia o movimento é entendido como matriz da comunicação, sendo ele mesmo uma espécie de mídia, vê-se instalada no corpo a condição de estar vivo e ela se apóia no sucesso da transferência permanente de informação (GREINER; KATZ, 2001).

Essa teoria amplia a possibilidade para que se construa um conhecimento com base africana, pois compreende a complexidade do corpo como resultado de entrecruzamentos de informações adquiridas em negociação com as informações que já estão no corpo e não um lugar onde as informações são apenas acolhidas.

Sendo assim, o protagonismo das Mulheres Negras na capoeira angola propõe um diálogo comunicacional entre o contexto sociocultural de inserção da população negra aliado à cultura negra. Essa relação apresenta-se como possibilidade de construção de uma identidade angoleira relacionada à prática e aprendizagem com mestras e mestres e a dimensões subjetivas do corpo e sua ancestralidade.

2.1 Corpos que gingham: Mulheres Negras na capoeira angola

Compreendo a capoeira angola como uma manifestação da cultura africana, assim como o samba e as práticas religiosas, portanto há uma presença coletiva de homens, mulheres e crianças negras. Logicamente que nessa dinâmica, cada um exerce um papel diferente, e nessa organização nada se assemelha, ou pelo menos não deveria se assemelhar à divisão sexual do trabalho, lógica trazida pelos valores ocidentais. Na lógica africana, são os papéis geracionais que vão configurar essas hierarquias (ANDREATO, 2019).

Entretanto, como já mencionei, as imposições dos valores culturais ocidentais, as interferências na cultura africana e as sistemáticas apropriações demonstram que os valores fundantes foram abandonados ou nem chegaram para alguns praticantes da capoeira angola. A exemplo disso, temos grupos de capoeira com a presença senão total, quase total de pessoas brancas e isso não causa espanto no universo da capoeira.

Os efeitos das relações inter-raciais na capoeira angola são percebidos porque a ideia de dominação é muito presente. Os valores estéticos do que se considera um “bom jogo” na roda de capoeira estão contaminados por uma visão ocidental. “No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é

² Os dogons são um grupo étnico que habita a região do platô central do Mali, na África Ocidental.

unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas” (FANON, 2008, p. 104).

Portanto, a prática da capoeira angola compartilhada entre pessoas negras e brancas, pelos fatores históricos, gera maior incômodo e incerteza para as pessoas negras. Além dos fatores sociais, o racismo é certamente um dos motivos pelos quais nós, pessoas negras, mantemos um distanciamento da nossa própria cultura.

Outro ponto que circunda as discussões sobre a nossa presença na capoeira angola, atua no âmbito das relações de gênero. “Embora a tradição oral evidencie a participação da mulher na capoeiragem desde o século XIX, expressiva parte da história tem sido protagonizada e contada a partir de referências masculinas” (BENITE; SILVA, 2013, p. 97).

Essa invisibilidade e a falta de espaço enquanto protagonistas acarretou uma estética, um olhar e um entendimento masculino sobre a capoeira angola e sua prática, pouco acolhedor para que as mulheres negras pudessem se sentir pertencentes. Entretanto, basta reorientar o olhar para os valores fundantes da capoeira angola para percebermos que estamos ocupando o nosso lugar. Conforme relata Araújo (2015, p. 02):

A ginga é um movimento específico de corpo, mas é também um movimento filosófico, político, uma ação prática de transgressão política. Isso vem de uma mulher. Outro exemplo: um dos mitos que está na origem da capoeira é o da dança N'golo, um rito de passagem para a menina virar mulher. Se penso na África, estranho menos a presença da mulher na capoeira.

A possibilidade de vivenciar a cultura africana através da capoeira angola restaura a identidade negra, portanto, nós estamos nos organizando coletivamente. O compartilhamento de experiências próprias e particulares, experimentadas pelo nosso corpo de mulher negra tem sido utilizado como estratégia de enfrentando ao racismo e ao sexismo e assim, a capoeira angola assume também a dimensão política que garante o pertencimento das Mulheres Negras nas rodas de capoeira angola.

A retomando do nosso lugar de fala “transforma o silêncio em linguagem e em ação” (LORDE, 2015, documento online). O diálogo e o compartilhamento de conhecimento são fundamentais para o fortalecimento dos grupos de Mulheres Negras e da construção coletiva, dessa forma podemos almejar uma transformação que garanta um retorno aos valores fundantes da capoeira angola como prática libertadora do povo negro.

3 Procedimentos Metodológicos

Nesse estudo utilizarei a abordagem qualitativa, pois esta tem por finalidade compreender um fenômeno político-cultural complexo que se apresenta através do protagonismo das Mulheres Negras na sustentação dos valores africanos nas rodas de capoeira angola. Segundo Flick (2009, p. 08) a abordagem qualitativa é a mais adequada para o tipo de investigação proposta, pois, a partir dela, é possível observar “experiências de indivíduos e grupos que podem estar relacionadas a práticas cotidianas e podem ser tratadas analisando-se conhecimento, relatos e histórias do dia a dia”.

O tipo de pesquisa a será a pesquisa participante compreendendo a importância da teoria e prática aliadas. Segundo Demo (1995, p. 270), a pesquisa participante coloca, de modo geral, “o quadro mais coerente para a gestão do intelectual orgânico, ao aceitar identificar-se com a comunidade na prática, trazendo como colaboração eminente a construção cuidadosa, inteligente, arguta, efetiva da contra-ideologia: ciência a serviço da emancipação social”. Os resultados serão obtidos através de diferentes procedimentos (GIL, 2008) descritos no item 3.2 Técnica de Coleta de Dados.

3.1 Público do Estudo

O universo que estudarei será representado por Mulheres Negras praticantes da Capoeira Angola. A amostra será representada pelas Mulheres Negras autodeclaradas que estão inseridas em grupos ou coletivos de capoeira angola localizados nas cinco regiões do país: Norte, Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste que se disponibilizarem a participar da pesquisa no período estipulado para a coleta de dados.

3.2 Técnica de Coleta de Dados

Para aprofundamento na temática, utilizei a técnica de coleta por instrumentos de entrevista associada à pesquisa participante.

As entrevistas serão semiestruturadas com questões abertas e fechadas atendendo aos objetivos específicos propostos “dando um grande peso aos relatos verbais dos sujeitos para obtenção de informações sobre os estímulos ou experiências a que estão expostos e para o conhecimento de seus comportamentos” (GIL, 2002, p. 41).

Já a pesquisa participante farei por meio do comparecimento e participação nas rodas de capoeira Angola promovidas por Mulheres Negras. Segundo Gil (2008, p. 51), a pesquisa participante é um método que “pode ser definido como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo”. Por meio dela, pretendo alcançar um maior conhecimento sobre a dinâmica e complexidade das atividades propostas pelos grupos estudados. O horário e a data de acontecimento da pesquisa serão agendados de acordo com a disponibilidade das Mulheres Negras no período estabelecido para a coleta de dados.

4 Análise de dados

Os dados resultantes da etapa de coleta serão analisados em consonância com a metodologia adotada e o referencial teórico no qual proponho diálogos relacionados à noção de cultura, protagonismo negro feminino, valores civilizatórios africanos, afroperspectiva e Corpomídia. Descrevo abaixo o plano de análise nos itens 4.1 e 4.2.

4.1 Entrevistas

As entrevistas serão gravadas mediante autorização prévia das participantes e poderão ser complementadas conforme a necessidade de aprofundamento na temática. Feita a estruturação, os dados obtidos serão comparados entre si a fim de verificar qual foi o comportamento em relação às estratégias comunicativas, verificando as semelhanças e diferenças conforme a evolução das ações.

4.2 Observação Participante

Para a observação participante, os dados serão coletados através de diário de campo no qual irei registrar impressões pessoais, expectativas sobre cada roda, tipo de abordagem, as ideias propostas e discutidas. Também coletarei breves relatos das participantes presentes nas rodas de capoeira e que eu possa considerar pertinentes. Informações como (data, horário, local, proposta de atividade, estimativa de número de participantes) também serão registradas para fins de organização dos dados.

5 Considerações Finais

Entendemos que a comunicação, em sua produção simbólica, impacta a geração de sentidos, e, portanto, se inter-relaciona com a construção da cidadania para populações historicamente subalternizadas. Por isso, precisamos garantir uma comunicação que respeite e inclua a diversidade étnico-cultural, e reconheça as Mulheres Negras como formadoras desse processo de construção simbólica. Dessa forma, os espaços de protagonismo e autorrepresentação compõem a pauta das Mulheres Negras.

Referências

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. **O Jogo da Dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ANDREATO, Bento. Se penso na África, estranho menos a presença da mulher na capoeira. Entrevistada: Rosângela Costa Araújo (Mestra Janja). **Almanaque Brasil – Almanaque de Cultura Popular**, [S.l.], 31 jan. 2019. Disponível em: <https://almanaquebrasil.com.br/2018/01/31/mestra-janja-se-penso-na-africa-estranho-menos-a-presenca-da-mulher-na-capoeira/> Acesso em: 1 nov. 2019.

- ARAÚJO, Rosângela Costa (Mestra Janja). **É Preta, Kalunga**: a capoeira angola como prática política entre baianos (anos 80-90). Rio de Janeiro: MC&G, 2015.
- BENITE, Anna Maria Canavaro; SILVA, Renata de Lima. Ginga menina: sobre a constituição de novos espaços sociais para a capoeiragem. In: SILVA, Renata de Lima; FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **Corpopular**: intersecções culturais. Goiânia: Editora da PUC-Goiás, 2013.
- CALDAS, Paulo Cirne. A televisão é uma forma de vida. Entrevistado: Muniz Sodré. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 16, dez. 2001. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3135/0> Acesso em: 1 nov. 2019.
- CAMPELO, Cleide Riva. Corpo: trama da cultura e da biologia. **Cadernos do GIPE-CIT**, Salvador, n. 2, p. 8-12, fev. 1999. Disponível em: http://www.teatro.ufba.br/gipe/publica/caderns/cad_02/index.html Acesso em: 1 nov. 2019.
- DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FORD, Clyde. **O herói com rosto africano**: mitos da África. Tradução: Carlos Mendes Rosa. São Paulo: Summus, 1999.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GREINER, Christine; KATZ, Helena Tania. Corpo e processos de comunicação. **Fronteiras – estudos midiáticos**, Rio Grande do Sul, v. 3, n.2, p. 65-77, dez. 2001. Disponível em: <http://www.helenakatz.pro.br/midia/helenakatz21561315503.pdf> Acesso em: 1 nov. 2019.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomáz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- LIMA, Juliana Domingos de. Conceição Evaristo: 'minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra. Entrevista: Conceição Evaristo. **Nexo Jornal**, [S.l.], 26 maio 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99> Acesso em: 1 nov. 2019.
- LORDE, Audre. A transformação do silêncio em linguagem e ação. **Geledés**, São Paulo, 28 mar. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-transformacao-do-silencio-em-linguagem-e-acao/> Acesso em: 1 nov. 2019.
- NOGUERA, Renato. Sambando para não sambar afroperspectivas filosóficas sobre a musicidade do samba e a origem da filosofia. In: SILVA, Wallace Lopes (Org.). **Sambo, logo penso**: afroperspectivas filosóficas para pensar o samba. Rio de Janeiro: Hexis: Fundação Biblioteca Nacional, 2015.
- SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação**: sintoma da cultura. São Paulo: Paulus, 2004.

Artigo submetido em: 04/11/2019
Aceito em: 31/12/2019.



Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Mestrado Profissional em Biblioteconomia



Este periódico é uma publicação do [Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia](#) da [Universidade Federal do Cariri](#) em formato digital e periodicidade semestral.